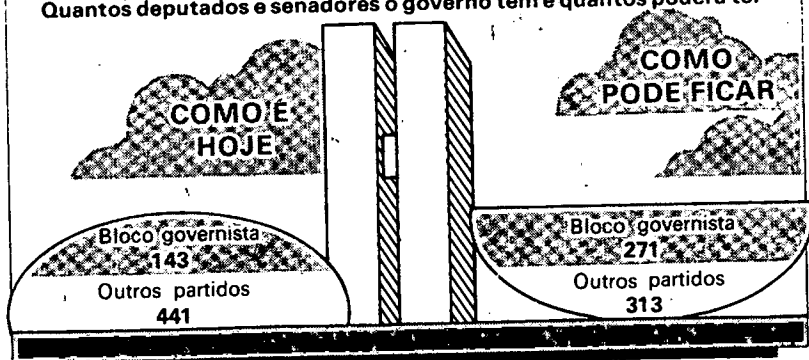


A geografia do plenário

Quantos deputados e senadores o governo tem e quantos poderá ter



Partidos enfrentam crise antes de formalizar bloco

31 JAN 1992

BRASÍLIA — O bloco parlamentar integrado pelo PDS, PTB, PDC e PL só deve ser formalizado na quarta-feira, mas já enfrenta risco de implodir, graças às declarações pró-governo feitas pelo líder do PL na Câmara, deputado Ricardo Izar (SP), e à precipitação do senador Affonso Camargo (PTB-PR) ao indicar seu suplente, Ivo Mendes Lima, para a Secretaria Nacional de Habitação do Ministério da Ação Social.

Irritado com Izar e com Camargo, o líder do PDS, deputado Victor Faccioni (RS), garantiu ontem que o bloco "não é fisiológico, não barganha cargos e é independente, tanto em relação ao governo quanto em relação à oposição". Mais cauteloso, o líder do PTB, deputado Gastone Righi (SP), tentou justificar a nomeação de Ivo Mendes Lima, como uma indicação pessoal do senador Affonso Camargo e da bancada do Paraná, nada tendo a ver, portanto, com o bloco parlamentar em gestação.

Enquanto os dois líderes se esforçavam para desvincular a formação do bloco à uma participação no governo, o deputado Ricardo Izar divulgava nota para negar ter negociado o apoio do grupo em troca de sua indicação para o Ministério do Trabalho, a ser desvinculado da Previdência Social. "Se convidado fosse, a primeira providência que certamente tomaria seria a de consultar a bancada do meu partido e as lideranças do PDS, PTB e PDC, com quem temos compromissos assumidos, mesmo que informalmente, para a formalização do

Bloco Independente." As afirmações de Izar, Faccioni e Righi são uma tentativa para garantir a oficialização do bloco pela Mesa da Câmara na semana que vem.

Se sobreviverem aos desentendimentos, o grupo, aliado aos governistas, garantiria ao Palácio do Planalto 271 votos na Casa. Até agora, o presidente Fernando Collor conta com o apoio de 143 parlamentares. Ao mesmo tempo, os partidos de oposição veriam sua formação reduzida de 441 para 313 deputados.

Independência — Os líderes do PDS e PTB consideraram particularmente infeliz a afirmação do colega do PL, na véspera, condicionando o apoio do bloco à indicação de representantes para o ministério. "Se há versões diferentes, elas não refletem o pensamento dos líderes", assegurou Faccioni.

Righi tentou convencer que a iniciativa da criação do bloco não está ligada, de "forma imediata" a uma participação no governo. "É uma questão de sobrevivência", observou. Segundo ele, os quatro partidos, isoladamente, nada valem na Câmara, porque os espaços mais importantes são ocupados pelas maiores bancadas.

"Elas é que ficam com todos os cargos e funções mais importantes", explicou. "Unidos, porém, seremos a segunda força e, a partir de 15 de fevereiro, vamos exigir a presidência ou a relatoria de todas as comissões." Até agora, este privilégio é dividido entre o bloco parlamentar governista (PFL-PRN-PSC) e o PMDB.